

Um lugar onde se situar

Maria Ruth Sousa Dantas de Araújo – UFRN

RESUMO

O texto apresenta uma discussão sobre a viabilidade de se articular, por um lado, a idéia de espaço, sua construção e seus usos, e por outro, a subjetividade, tal como a pensa a psicanálise. O espaço é pensado, então, como um dos traços que os sujeitos têm que elaborar a partir das determinações culturais e de suas próprias invenções. Estas invenções – aí incluídas as concernentes ao uso do espaço-, vêm ganhando prevalência, numa época em que as garantias da tradição perderam sua força, aumentando com isso o “mal-estar na civilização”.

Palavras-chave: Psicanálise. Subjetividade. Constituição do sujeito.

ABSTRACT

The theme discussed at this paper deals with the possibility of articulation, on a side, of the idea of space, its construction and uses and, on the other side, the subjectivity as it is thought by psychoanalysis. Space is seen, then, as one of the traits that the subjects have to develop having as a point of depart the cultural determinations and their own inventions. These inventions – wherein included those concerning the use of space – have lately gained relevance, just at a time when the guarantees of tradition have lost impulse, increasing, then, the “discontentment with civilization”.

Keywords: Psychoanalysis. Subjectivity. The subject constitution.

“Ideologia, eu quero uma pra viver” (Cazuza)

O grito desesperado de Cazuza nos anos 80 já nos alertava para as transformações pelas quais passava o mundo, transformações estas que só fizeram

se acentuar desde então. A passagem das sociedades simples para as complexas ou, segundo a distinção de Louis Dumont (1983), da *Universitas* para a *Societas*, baseada na primazia do indivíduo, imprimiu uma reviravolta na maneira como a subjetividade se constitui. Havia algo, nas sociedades holistas – Deus, a razão, a moral civilizada (como Freud chamava), o ideais, as utopias, que serviam de bússola para os indivíduos e conferia a eles uma localização, um lugar, permitindo assim que houvesse tanto a produção de uma subjetividade estável quanto a articulação desta ao discurso social.

“Um traço, muitos riscos: espaço e subjetividade”, o tema deste encontro entre uma psicanalista e uma arquiteta, é um convite para se pensar que tipo de articulação podemos propor entre estes dois aspectos – o espaço, sua construção, seu uso, e a subjetividade, tal como a psicanálise a concebe.

Com a industrialização, e sobretudo na era da globalização, constata-se uma profunda transformação no nosso mundo, na maneira como os sujeitos se estruturam e como estabelecem o laço social. Há um tipo particular de degradação da vida subjetiva, que deixa o sujeito desamparado, sem possibilidade de encontrar uma orientação na vida e fundar um laço social. Trata-se da prevalência clínica do narcisismo. Jacques-Alain Miller chama este tempo de “a época do Outro que não existe”.

O mundo, antes de poder ser objetivado pelo homem, é apreendido pelo sujeito através do Outro, da linguagem. Todos os traços que definem um sujeito são tomados, um a um, do Outro, de modo que a subjetividade portará as marcas dos encontros contingentes que cada sujeito sofreu. A psicanálise de-

dicou-se a explicitar os meandros desta constituição. Assim, sabemos, desde Freud, que o sujeito humano é desnaturalizado pela incidência da linguagem: não somos dotados de uma aparelhagem instintiva que nos permita estar bem no mundo, que nos proporcione uma identidade sólida e estável, que nos indique as vias de ação. Ao contrário, o sujeito, desde a origem, foi expulso do paraíso. O mito fundante da sociedade ocidental, o Gênesis bíblico, é uma metáfora do nascimento do sujeito: nossos pais, ao se recusarem ao assujeitamento total ao Outro, têm, a partir de então, que buscar seu lugar no mundo.

A incidência da linguagem retira o sujeito do estado de necessidade e o condena a ter que se haver com algo de uma ordem inteiramente outra: o desejo. O desejo humano está fundado em uma incompletude estrutural. O primeiro encontro de um bebê, assaltado por um estado de necessidade, com uma mãe, sujeito de desejo, terá como efeito a produção de traços da experiência, mas também, de algo que não é simbolizado – o Real, como o chama Lacan – que cobrará, daí por diante, um esforço do sujeito no sentido de inventar o que não foi incluído no simbólico. Esforço sempre baldado, mas que será o móvel do ser falante em sua passagem pela vida. O próprio ser deste sujeito estará na dependência destes encontros: é o Outro que começa por lhe dizer quem ele é. Daí não haver, no plano humano, identidades estáveis, mas identificações. Se o sujeito tem que se identificar é porque ele não dispõe de uma identidade dada. Existe uma distância estrutural entre o homem e o mundo, que o obriga a construir pontes. Podemos pensar que a cultura, como o precipitado de todas as pontes que foram sendo construídas ao longo de história, das conquistas simbólicas que os sujeitos realizaram para dar conta do Real, é uma invenção que, a cada época, em cada lugar, e circunscrito a cada povo, promove subjetividades distintas.

Até pouco tempo atrás, nossa cultura nos fornecia uma espécie de mapa para que pudéssemos nos orientar. A grande questão contemporânea é que não há mais mapas. Ou melhor, há mapas em

demasia, a globalização conduziu as formas de estar no mundo a um excesso, há uma multiplicidade de modelos, sem que haja uma hierarquia que permita uma orientação segura. Hoje, as relações sofrem influências globais. As referências se contrapõem, são múltiplas, invalidam-se. O recente filme de Alejandro González-Iñárritu, *Babel*, mostra esta particularidade dos nossos tempos à perfeição.

As conseqüências disto são visíveis: toda a comocção em que vive o mundo de hoje tem a ver com esta “desorientação da pulsão” (FORBES, 2005), fazendo vacilar as formas de satisfação, de amor, de trabalho, de aproximação e separação, de ter e educar filhos, de fazer política, como também as formas de sociabilidade e de uso do espaço.

O homem sempre teve que se inventar. No que tange ao espaço, por exemplo, cada cultura, cada época, definiu seus padrões de moradia, de uso dos espaços sociais, de arquitetura. A diversidade destas manifestações humanas contrasta com a monotonia que encontramos no reino animal, como, por exemplo, no caso das abelhas, cuja construção é exatamente a mesma desde sempre, o que nos permite pensar que esta “habilidade” está inscrita, de alguma forma, no gen. A isto se refere a noção freudiana de plasticidade das pulsões. Se o homem teve que se inventar, já que não era naturalmente dotado de uma identidade, a questão hoje é que a escolha das invenções não encontram mais garantias nos códigos, nas ideologias, nas visões de mundo. A responsabilidade pela invenção, de uma forma inusitada na história humana, abateu-se sobre o sujeito. Esta tem sido a grande fonte da angústia da hipermodernidade, uma vez que, na ausência de qualquer garantia, o sujeito se vê defrontado com seu radical desamparo. Na época do Outro que não existe – ou seja, na ausência desta garantia –, o mal-estar na civilização tem alcançado níveis muito intensos.

Isto fica claro, por exemplo, nos novos laços sociais que os sujeitos estabelecem, e que implicam em novos modos de se relacionar, de utilizar os espaços sociais. Aquela velha sociabilidade de vizinhança, que fazia da rua um espaço privilegiado de encon-

tro, e da qual vemos ainda, sobretudo nas cidades menores, alguns remanescentes, praticamente desapareceu. O lugar quase obrigatório de encontro hoje é o *shopping center*, onde os sujeitos vão, não movidos pelo desejo do encontro, mas em busca do objeto que o discurso capitalista lhes acena como capaz de preencher seu vazio.

Um traço, muitos riscos: o título deste debate permite jogar com o equívoco. Os traços de um sujeito, como já foi dito, ele os retirou, um a um, do Outro, a partir das contingências que sofreu. A cultura estabeleceria, então, para todos, os modos privilegiados de ação que orientariam o sujeito a dispor destes traços. A questão da multiplicidade destas referências vem tornando esta orientação cada vez mais precária, e é responsável, em parte, pelos distúrbios, tanto individuais quanto coletivos, que temos presenciado nos dias de hoje. Além disso, aquilo do sujeito que ficou de fora desta inscrição também contribui para esta desorientação, pois obriga o sujeito a inventar um modo singular de dar destino a esses traços: logo, um traço, muitos riscos, no sentido de que cada sujeito fará algo de totalmente particular com isso.

Freud (1996) mostrou, em *O futuro de uma ilusão*, que a religião fundamentava-se no sentimento de desamparo característico da humanidade. Este desamparo, mais do que devido à prematuração do animal humano, refere-se exatamente a esta falta primordial e constitutiva, que deixa o homem na estrita dependência do outro humano, para sobreviver, como também para ser. A religião seria, então, uma solução para lidar com o mal-estar inarredável desta condição. Nos dias atuais, as soluções disponíveis para os sujeitos lidarem com seu mal-estar parecem não mais dar conta de contê-lo em limites aceitáveis. A invenção de novas soluções se impõe, ainda que implique em riscos. Não que não houvesse riscos antes, mas o sujeito podia se abrigar confortavelmente nas diretrizes que a cultura colocava à sua disposição e se poupar de interrogar sua implicação na vida.

Podemos identificar uma série de soluções que vêm sendo inventadas como resposta dos sujeitos

à angústia contemporânea. Muitos buscam soluções imaginárias, que fazem do grupo um lenitivo para seu mal-estar. Nesta categoria encontramos, por exemplo, as religiões, as tribos, os espetáculos de massa, lugares em que o sujeito pode se apegar, como também se apagar. Outros respondem com novas doenças à exigência do presente: anorexia, bulimia, transtornos de pânico, de humor, escolares, onde parece que o Real em jogo manifesta-se no próprio corpo do sujeito. Mas há aqueles que enfrentam o abismo da insignificação inventando pontes, com todos os riscos que isso comporta.

Assim como Foucault pôde ler, no *Panopticon* de Bentham, invenção genial que prenuncia a nossa época, a manifestação de uma nova estrutura social, assim também podemos tomar a utilização do espaço em nossa sociedade para extrair dela um conhecimento sobre as questões fundamentais que orientam a formação de nossa subjetividade. Não podemos, entretanto, esquecer que há uma tensão entre o que é determinado pela cultura e as invenções dos sujeitos, sempre imprevisíveis e inusitadas, sendo impossível estabelecer uma simples relação de causa e efeito entre os dois pólos em questão.

Quanto ao uso do espaço, há, sem dúvida, um movimento de segregação, estampado na construção de condomínios fechados, na proliferação de *shoppings centers*, na tendência cada vez mais difundida de equipar as casas com todos os instrumentos necessários para que as pessoas possam prescindir dos equipamentos comunitários. A inflação do espaço privado é, talvez, o sinal mais radical da falência desse Outro que, até pouco tempo atrás, garantia a localização dos sujeitos.

No plano dos novos sintomas contemporâneos, a síndrome de pânico é aquele que revela, com mais acuidade, o quanto o espaço pode ser afetado pelo Real que concerne a um sujeito, e passar a representar para ele a impossibilidade de se sustentar enquanto tal em lugares específicos.

Em suma, o espaço é sempre habitado. O sujeito o estrutura em função de sua singularidade,

demarcando-o, extraindo de sua homogeneidade as zonas privilegiadas de seu estar no mundo.

REFERÊNCIAS

DUMONT, Louis. *Essais sur l'individualisme, une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*. Paris: Le Seuil, 1983.

FORBES, Jorge. *A psicanálise do homem desbussolado: as reações ao futuro e o seu tratamento*. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Ed. Eólia, n. 42, fev. 2005.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira, v. 21).